1. **INTRODUÇÃO**

A necessidade de escrever um artigo com o tema voltado para o preconceito linguístico é de propor uma discussão e uma solução para os efeitos prejudiciais que ele pode desenvolver em um educando mostrando que esse tipo de preconceito não tem o menor fundamento. Pois já é sabido que os fenômenos variáveis podem ser perfeitamente explicados Um dos maiores problemas da sociedade é não aceitar a língua materna do outro, o que gera um grande conflito entre o ‘certo’ e o ‘errado’. As pessoas ainda não entendem ou aceitam as suas variedades linguísticas, ao olharem com preconceito não veem o quanto rica é a nossa língua. Para diminuir esse desentendimento, é necessário que o docente esteja atualizado e determinado a contribui para diminuição de tal, trazendo para sala de aula que a língua materna vem de suas culturas, e que a gramatica normativa é apenas uma maneira em que a comunidade em certos momentos tem que estar preparados para usa-la.

Baseando-se nas teorias de Marcos Bagno, Sirio Possenti entre outros produzi este artigo no intuito de ficar claro que não existe certo e errado, apenas diferente, e que a norma culta esta ai para ser aprendida e usada, não se desfazendo obviamente da língua materna, mas aprender a distinguir em quais situações tais devem ser usadas.

Como se sabe o preconceito é uma forma de exclusão social, dentre muito deles existe ‘O Preconceito Linguístico’ que nada mais é do que um preconceito social que distingue e separa classes sociais, estigmatizando ou prestigiando falantes da língua portuguesa brasileira. Preconceito esse que é invisível aos olhos da sociedade, que por não terem uma visão linguista acabam excluindo a variedade linguística e seus falantes. Bagno ainda afirma que o preconceito não tem nenhum fundamento racional, nenhuma justificativa, e que é apenas o resultado da ignorância ou da manipulação ideológica. (BAGNO, 2005 p. 23). “A variedade linguística deve ser vista como uma Riqueza da língua e não como forma de exclusão”. (EDSON, 2008 p.. 243). A sociedade não entende que nossa língua materna é nossa riqueza, nossa cultura, seus olhares preconceituosos não deixam que enxerguem como nossa língua é abrangente, e que cada qual fala de acordo com sua região cultura e classe social.

1. **COMO SURGIU O PRECONCEITO LINGUÍSTICO? O QUE ACONTECE? COM QUEM ACONTECE?**

O preconceito linguístico surgiu, com a variedade regional e cultural existente no Brasil. As pessoas criaram uma ideia sem fundamentos sobre o pronuncia e sotaques de determinadas regiões e classes sociais, do falar certo e falar errado. Pessoas que tiveram educação de qualidade, e conhecem a norma culta ditada pelos professores e livros didáticos rotulam pessoas com baixa instrução alegando que tais falam errado. Deve-se saber que não existe falar certo e errado existe falares diferentes, se olharmos com atenção o assunto iremos ao invés de ter preconceito ter orgulho por tantas variedades existentes no nosso país. Estamos falando do nosso falar nossa língua cada ser humano se comunica da forma que lhe convém, porém uma parte da sociedade critica os falares que não se adéqua a norma culta, tratando os demais como ‘burros’, ‘analfabetos’. Deve-se ressaltar também que não estamos tratando da escrita e nem ignorando a gramática e sim mostrando que há dois lados nessa história.

Não existe nenhuma variedade nacional, regional, ou local que seja Intrinsicamente ‘melhor’ mais ‘puro’, ‘mais bonito’, ‘Mas correta’ que outra. Toda variedade linguística Atende necessidades da comunidade de seres vivos Que a empregam. . Quando deixar de atender, ela inevitavelmente sofrerá transformações para se adequar às novas necessidades. (BAGNO,1994, p. 47)

E ai que entra o papel do docente, é fundamental que a escola reconheça essa variação linguística, mas não como uma questão gramatical de certo ou errado, pois nesse sentido estará contribuindo para a manutenção do preconceito linguístico, uma vez que só aceita a língua padrão e estigmatiza a linguagem popular. No entanto, a escola deve compreendê-la como sendo o uso específico que os grupos sociais e os indivíduos fazem da língua. Ela deve reconhecer que a Língua Portuguesa apresenta um grau de diversidade e de variabilidade que ultrapassa qualquer forma prescritivista da gramática.

1. **FALA X ESCRITA**

A sociedade confunde a língua falada e língua escrita esquece que são coisas totalmente diferentes A fala e a escrita fazem parte de nosso cotidiano, e não devem ser confundidas, porque a fala é natural à pessoa, enquanto a escrita pode ou não ser aprendida.

A língua escrita e a língua falada são muito diferentes, porque enquanto a primeira é estática e não têm mudanças, a segunda vive mudando, se adaptando a cada nova geração sempre recebendo novas palavras e verbetes, normalmente utilizadas por falantes da zona rural ou dos subúrbios. Como então podemos recriminar os falantes, se a língua esta em constante mudança? A língua falada é abrangente e como diz Faraco (2008) “Em nenhuma circunstância falamos como escrevemos”. ’’

Devemos mostrar logo cedo as crianças à diferença existente entre a língua falada e língua escrita, independente de sua classe social ou cultura, devem saber que há uma norma culta a ser estudada e aprendida e que tal regra gramática vai ajuda-los no futuro, deve-se também mostra-los que não há nada de errado com a forma que se comunicam apenas existem regras para determinada situações.

Como então ensinar isso as crianças? Como quebrar esse preconceito em sala de aula? Como o professor deve lidar com isso? São perguntas fundamentais para lidar com tal assunto.

Para Bagno (1994) O primeiro passo, a ser dado para que esse preconceito seja vencido são termos e darmos a consciência aos demais que ele existe e que esta excluindo e humilhando grande parte da sociedade. Quem de nós não já nós deparamos com um preconceito linguístico, já não cometemos ou presenciamos. Dentro da sala de aula ou em conversas informais, alguém pronunciar o S ou R, mas longo, ou até mesmo engoli uma letra de uma palavra e nós dissemos “fulano você está errado”. Não ele não esta errado, apenas pronuncia aquilo que lhe foi aprendido desde a infância, é a sua cultura o seu sotaque. A língua materna é aquela que nos acompanha no dia a dia não devemos nos preocupar nem ao menos ignorar quem a usa. Deveremos estar ciente que além de nossa língua materna existe uma norma gramatical que em algum momento de nossas vidas deveremos usar e por isso é tão importante aprende-la.

 O erro estaria se ele escrevesse da forma que fala, pois a gramática e a norma culta esta ai pra ser aprendida, a escola tem esse papel de ensinar a gramática a risco a cada aluno, porém esquece-se de diferenciar a fala escrita, da fala oral. Segundo Eduardo (2004) a escola deve ter um papel importante na formação do conhecimento do aluno quanto à sua língua. É importante impor a eles a importância do entendimento à norma culta, mas seguida de suas variantes, procurando refletir sobre aspectos da sua língua materna que não são adequados em algumas situações, entendendo assim, que a norma apenas serve para um entendimento comum a todos portadores da língua portuguesa e que suas variantes são importantes para compreensões convictas a uma região, cultura ou classe social específica. Desta forma, o aluno tornara-se um conhecedor amplo da língua a qual ele é portador, induzindo-o assim, à uma maior ascensão social, introdução democrática e, sobretudo, à um acesso mais efetivo aos instrumentos culturais. Fazer o aluno entender o que é “certo e errado”, o permite compreender sobre as variações históricas, estilísticas, geográficas e sociais que a língua possui. Diminuindo assim esse olhar preconceituoso que a sociedade impõe.

* 1. **COMO TRABALHAR A DIFERENÇA FALA X ESCRITA**

O Docente tem que estar preparado para isso, mostrar aos seus alunos que no fundo, o preconceito linguístico é um preconceito social. É uma discriminação sem fundamento que atinge falantes inferiorizados por alguma razão e por algum fato histórico. Nós o compreenderíamos melhor se nos déssemos conta de que ‘falar bem’ é uma regra da mesma natureza das regras de etiqueta, das regras de comportamento social. Os que dizemos que falam errado são apenas cidadãos que seguem outras regras e que não têm poder para ditar quais são as elegantes. Isso não significa dizer que a norma culta não é relevante ou que não precisa ser ensinada. Significa apenas que as normas não cultas não são o que sempre se disse delas. E elas mereceriam não ser objeto de preconceito visto no olhar de Possenti (1998).

.

Tem que vir do professor essa vontade de evitar, mas um preconceito na sociedade. Tratando de mostrar que a fala É a utilização oral da língua pelo indivíduo. É um ato individual, pois cada indivíduo, para a manifestação da fala, pode escolher os elementos da língua que lhe convém, conforme seu gosto e sua necessidade, de acordo com a situação, o contexto, sua personalidade, o ambiente sociocultural em que vive. Desse modo, dentro da unidade da língua, há uma grande diversificação nos mais variados níveis da fala. Cada indivíduo, além de conhecer o que fala, conhece também o que os outros falam; é por isso que somos capazes de dialogar com pessoas dos mais variados graus de cultura, embora nem sempre a linguagem delas seja exatamente como a nossa.

Ao contrário As regras da linguagem escrita são necessárias porque quando escrevemos, subtende-se que o destinatário não está próximo a nós e, consequentemente, não está vendo os diversos recursos que nos auxiliam no momento de dialogarmos oralmente, como as expressões faciais, diversas tonalidades dos sons que emitimos para diferentes situações, expressões gestuais, entre tantos outros recursos. (ESTEVAM, 2010, p.01)

Daí a necessidade de pontuarmos corretamente as pausas, interrogações e exclamações, assim como fica visível a necessidade de aplicarmos sinais de acentuações gráficos para que o leitor de determinada mensagem saiba qual sílaba deve ser pronunciada com mais ou menos força.

Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo “… Também a gramática não é a língua”. (BAGNO, 2001, p.9)

Também a gramática não é a língua, o professor de português deve usar essa frase como auxilio as suas aulas tratando de mostrar aos alunos a diferença entre ambas.

De acordo com Cagliari (1989 ICHIKAWA, 2003. p. 44), os indivíduos aprendem a variação linguística peculiar das comunidades em que vive, porém, a sociedade se utiliza desses modos peculiares de se expressar para marcar indivíduos e classes sociais pelo modo de falar. Esta atitude social revela os preconceitos, pois marca diferenças linguísticas como índices de estigma ou prestígio. Assim como qualquer outro preconceito, as pessoas procuram desculpas para excluir aqueles com baixo entendimento, e não fazem nada para que todos possam viver maneira igual. Pois se a sociedade trabalha-se com igualdade não haveria tantos conceitos pre determinados e absurdos existentes por ai, pois como já foi visto existem explicações pelas quais existem falares diferentes.

Como qualquer outra língua, a Língua Portuguesa não é falada da mesma forma por todas as pessoas que a utilizam. Além disso, as línguas evoluem com o tempo, transforma-se e adquirem peculiaridades próprias em razão de seu uso em determinadas comunidades específicas. Entretanto, as variações não provêm apenas da evolução histórica das línguas e de suas raízes geograficamente delimitadas e nem tão pouco para designar grupos étnicos. Por isso, faz-se necessário que o professor de Língua Portuguesa transmita e ensina aos seus alunos o processo de variação linguística para que eles valorizem a sua própria língua e tornem-se pessoas cada vez mais críticas, mais participativas e atuantes, política e socialmente. Sendo pessoas com opiniões adequadas e qualificadas, além de diminuir o preconceito e o abuso dele.

* 1. **O QUE ENSINAMOS NA SALA DE AULA? COMO TRABALHAR O PRECONCEITO LINGUÍSTICO?**

A escola tem tomado como padrão para o ensino do português a gramática normativa, rejeitando assim os fenômenos variáveis. Segundo Silva (2002), a grande rejeição que ainda se tem ao falar de variação linguística ocorre em função da visão imposta pela gramática normativa que repudia qualquer fenômeno ocorrido em torno da língua. Para Silva (2002), a escola não apresenta outro manual que dispõe e reflita a variação linguística na sociedade, mantendo-se assim presa a gramática.

Contudo, já se tem no ensino escolar a sociolinguística, no entanto isso é insuficiente para que os alunos compreendam os processos de variação.

Primeiramente, é preciso entender que a escola é o palco das diferenças, totalmente diversificada como a língua, pois, o homem vive em uma sociedade estratificada, em que as condições sociais são responsáveis pelo abismo que ocorre em torno da Língua Portuguesa. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) acredita que os conteúdos de Língua Portuguesa nas escolas devem ser relacionados em função das habilidades dos alunos. Por isso, o uso da língua oral deve ser levado em consideração, assim como a análise e reflexão. Considerar o conhecimento prévio do aluno é um princípio didático para todo o professor que pretende realmente ensinar ao docente a sua língua

A linguagem, portanto, é mais uma maneira de integração e de aceitação dos membros que são incluídos de preencheram os requisitos ali apregoados. É um fato que se da naturalmente e não uma escolha, o indivíduo incorpora sua marca linguística, sobretudo do meio em que vive. (ICHIKAWA, 2003, p.44)

No entanto, a gramática normativa insiste em ver a língua como uma grande poça de água parada, estagnada. (Bagno 2007, p.20) ressalta que “enquanto a língua é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso, a gramática normativa é apenas um igapó, uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um terreno alagadiço, a margem da língua.”. Ou seja a língua esta sempre e a todo momento em constantes mudanças, até porque cada vez mas existem grupos diferentes na sociedade, enquanto a gramatica normativa, não muda esta estagnada.

O ensino de Língua Portuguesa tem que tratar a língua não só como um conteúdo em si, mas como um meio de mostrar a variação linguística. Não se terá sucesso no ensino se não houver uma concepção correta gramática e até onde ela deve influenciar a vida do ser humano. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 39) afirma que “a gramática de forma descontextualizada, tornou-se emblemática de um conteúdo estritamente escolar, do tipo que só serve para ir bem na prova e passar de ano, uma prática pedagógica que vai da metalinguagem para a língua por meio de exemplificação, exercícios de reconhecimento e memorização de nomenclatura”. Antunes ressalta (2004, p.89) que “a gramática existe não em função de si mesma, mas em função do que as pessoas falam, ouvem, leem e escrevem nas práticas sociais de uso da língua.” Sendo assim, a atividade da leitura completa a atividade da produção escrita, permitindo a interação entre sujeitos e supõe mais que a simples decodificação dos sinais gráficos.

Para isso será necessário que a escola valorize a cultura e classe social de cada aluno levando-o a adquirir novos conhecimentos não por regra mas sim pelo prazer de expandir aquilo que ele já sabe. O ponto de partida para a reflexão gramatical será o conhecimento linguístico de que cada aluno dispõe ao chegar à escola: a conversação. Enquanto, o ponto de chegada será a observação do conhecimento linguístico “do outro”, expresso nos textos escritos de interesse prático e nos textos literários. Assim o aluno ficara a vontade e sem medo de falar do jeito que sabe e se sentira atiçado a apreender mas da ‘’língua’’ do outro. A partir daí ele saberá escolher a variedade adequada para cada situação. Sabendo que não existe nada de errado apenas diferente, e que para determinadas ocasiões existe a maneira mas adequada.

Silva propõe (2002) que o professor de gramática terá de deixar de lado a pretensão de determinar como deve ser a língua. Para ampliar o conhecimento linguístico do aluno sem corroê-lo com preconceitos contra outras variedades nem principalmente, contra a sua própria, não basta que os professores saibam que todos os dialetos são igualmente instrumentos eficientes, bons dentro do seu contexto social. É preciso que assim reconheçam.

Na vida dos indivíduos e das sociedades, a linguagem constitui um fator mais importante que qualquer outro. Seria inadmissível que seu estudo se tornasse exclusivo de alguns especialistas; de fato, toda a gente dela se ocupa pouco ou muito; mas – consequência paradoxal do interesse que suscita – não há domínio onde tenha germinado idéias tão absurdas, preconceitos, miragens, ficções. (SAUSSURE, 2006, p.14).

O objetivo das escolas é ensinar o português padrão no momento que a língua é ensinada para o aluno não leva em consideração os dialetos que esta sofre, contribuindo para o preconceito. Por isso o ensino da gramática está mal colocado e deve ser revisto, a metodologia adotada é inadequada e a matéria necessita de uma organização lógica. Para não confundir o aluno nem criar preconceitos dentro da sociedade.

Ariano Suassuna 2006 um grande mestre brasileiro, vem nós deliciar com suas obras, em uma entrevista lhe foi perguntado sobre o personagem de Chico, do seu filme ‘O auto da Compadecida’ e sobre o preconceito que lhe cercava. Ariano responde com clareza sobre todos os preconceitos em volta do personagem e retrata também do linguístico Ariano ressalta que ‘Chico’ tem seu sotaque, sua cultura, porém ‘Chico’ fala de uma maneira e Ariano escreve de outra, ou seja Ariano escreve conforme a gramática normativa, porém seu personagem quando foi interpretado fala conforme sua cultura e língua materna.

Esse grande exemplo vem nós mostrar mais uma vez que as línguas escritas e faladas são totalmente diferentes. E que ninguém fala de acordo com a grafia. Que a sociedade deve parar com a ignorância de que ‘fulano’ fala certo e ‘sicrano’ fala errado. Até porque como já foi visto existe explicações claras e objetivas sobre tais variedades.

1. **POSSIBLIDADES DE DIMINUIR A EXCLUSÃO**

Para que o ensino mude, não basta remendar alguns aspectos. Conforme Possenti (1996) é necessária uma revolução, que mude a concepção de língua e de ensino de língua na escola. Para ele as regras estabelecidas pela gramática se assemelham às regras de etiqueta, expressando uma obrigação do que o indivíduo deve seguir ou não. Os falantes são avaliados na vida social e na escola. Quando violam essas regras, os falantes tornam-se objetos de reprovação (são considerados ignorantes e não dignos de passar a série seguinte na escola, por exemplo).

Silva (2002) afirma que é preciso um bom programa de ensino da Língua Portuguesa, que priorize a aprendizagem de fatos linguísticos que facilitem a comunicação com indivíduos de outras comunidades e que estimulem a utilização de outras variedades; que promova a aquisição de traços que permitam antes a integração dos falantes de origem diversa do que a assimilação de outros, oriundos dos dialetos de menor alcance social partindo não mais do preconceito. No entanto, essa nova forma de ensinar não deve ser uma mera utopia, mas realidade.

 Docentes devem estar cientes dos seus deveres de diferenciar a língua oral da escrita, mostras a seus alunos que a língua materna deles não é 'errada' simplesmente existem outras formas de comunicação que exigem regras. E que o preconceito linguístico é tão cruel quanto tantos outros existentes.

E a primeira campanha a ser feita, por todos na sociedade, é a favor da mudança de atitude. Cada um de nós, professor ou não, precisa elevar o grau da sua própria autoestima linguística: recusar com veemência os velhos argumentos que visem menosprezar o saber linguístico individual de cada um de nós. Temos de nos impor como falantes competentes de nossa língua materna. Parar de acreditar que brasileiro não sabe português, que português é muito difícil, que os habita. Acionar o nosso senso crítico toda vez que nos deparamos com um comando paragramatical e saber filtrar as informações deixando de lado (e denunciando, de preferência) as afirmações preconceituosas, autoritárias e intolerantes. (BAG NO, 1999, p.115)

É preciso entender que o aluno é um ser social, que precisa saber os usos da linguagem de acordo com sua aplicabilidade e aceitabilidade no contexto social. O professor, então, deve valorizar os conhecimentos linguísticos prévios do aluno, mas não permanecer preso a tais conhecimentos. É necessário ampliar o repertório linguístico dos alunos das camadas populares, oferecer a eles inclusive o conhecimento e a utilização da linguagem padrão. Somente com a valorização da linguagem dos alunos das classes populares poderemos contribuir para a melhoria do processo ensino-aprendizagem dos mesmos, num trabalho contínuo de ação-reflexão-ação sobre a linguagem.

1. **CONCLUSÃO**

É preciso ter em mente que tudo aquilo que é considerado um erro pela gramatica normativa tem uma explicação logica e perfeitamente demonstrável.

Assim vimos neste trabalho que valorizar e respeitar a forma de comunicação de cada grupo de indivíduos é um papel de suma importância na escola e na sociedade. Entender que, assim como tudo no universo muda a língua também muda. E não existe uma variedade de língua melhor ou mas correta que a outra, pois toda variedade linguística atende as necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam . E que a norma culta esta ai para ser aprendida, pois em determinadas situações usaremos tal, o aluno deve estar ciente de quando usa-la e como usa-la adequadamente.

1. **REFERÊNCIAS**

ANTUNES, I.C. No meio do caminho tinha um equivoco, gramatica, tudo ou nada. In: Linguística da norma. São Paulo: Loyola, 2002 p. 127-134.

AZAMBUJA, E. B. **Olhares, vozes e silêncios que excluem: estereótipos de índio.** Cáceres: Editora Unemat, 2005.

BAGNO, M. Mas o que é mesmo variação linguística? In: —————— **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007, p.35-57.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: O que é, Como se faz.** São Paulo : Loyola, 1999.

## BASSO, Renato. ILARI, Rodolfo. O português da gente, a língua que estudamos - a língua que falamos. São Paulo, SP, 2006.

## CAGLIARI, Luiz Carlos. A lingüística e o ensino de português. In: \_\_\_\_\_\_\_\_. Alfabetização e Lingüística. 10 ed. São Paulo: Scipione, 2003.

## CORNÉLIO, Junot . A linguagem e suas interfaces. 2006

## ESTEVAM, Bruna. Diferença entre a linguagem escrita e oral. Editora Schoba, 2010.

## ICHIKAWA, C. S. Variação Linguística e o ensino de ortografia: Uma variação teórica. Unopar Cient., Ciênt. Hum. Educ., Londrina. , v. 4, n. 1, p. 43-46, jun.2003

JAMILLY, Itamara. **Preconceito Linguístico: sociedade, escola e o ensino de português.** Guarabira, PB, 2012.

POSSENTI, Sírio. **Porque (não) ensinar gramatica na escola.** Campinas, SP: Coleção Leituras no Brasil, 1996.

## SILVA, M.B. da. A escola, a gramática e a norma. In: BAGNO, M.(org.). Linguística da Norma. São Paulo: Loyola, 2002.p. 253-265

##